

FAKE NEWS E SUAS ABORDAGENS NO BRASIL: balanço de uma agenda de pesquisa em formação¹²

Rogério Schlegel

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Amanda Freitas

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

RESUMO

Levantamentos bibliográficos em artigos internacionais apontam que a maioria das pesquisas sobre *fake news* tem sido desenvolvida pelas áreas de medicina e comunicação, por meio principalmente de métodos quantitativos, com insuficiência em pesquisas das ciências sociais e humanas, refletindo sobre dimensões políticas, impactos eleitorais e sobre a democracia. Este estudo desenvolve revisão sistemática, adotando procedimentos explícitos e replicáveis, na busca de artigos depois analisados substantivamente para descrever temporalidade, área do conhecimento, objetivo da pesquisa, métodos utilizados e outras características de interesse. Foram mapeados artigos publicados em português ou por brasileiros, até agosto de 2020, em periódicos presentes na base internacional DOAJ (*Directory of Open Access Journals*), em que a expressão "*fake news*" constasse no título, no resumo e/ou nas palavras-chave. A busca resultou em 68 artigos, com concentração nas áreas de ciências sociais, comunicação, saúde e educação. Predominaram trabalhos com descrição de características de notícias falsas, formas de combatê-las e discussões conceituais sobre a desinformação e seus efeitos. Abordagens qualitativas foram mais frequentes que quantitativas. A pandemia de Covid-19 declarada em 2020 impulsionou os estudos sobre o tema mais do que as eleições presidenciais de 2018. O contraste com a produção internacional sugere espaço para mais estudos futuros que sejam comparativos, quantitativos, com maior rigor metodológico nas análises qualitativas e com foco na prevalência das *fake news*.

Palavras-chave: *Fake News*. Desinformação. Revisão bibliográfica.

FAKE NEWS AND ITS APPROACHES IN BRAZIL: balance of a evolution of a research agenda

ABSTRACT

Bibliographic surveys on international articles show that the majority of researches on "fake news" have been developed by the areas of medicine and communication/journalism, mainly through quantitative methods, with a significant scarcity of Social Sciences and Humanities, reflecting on political dimensions, electoral and democratic impacts. This article develops systematic bibliographic review, employing explicit and replicable procedures, in search of articles further analyzed substantively in order to describe temporality, field of knowledge, research goals, methods adopted and other characteristics of interest. The authors mapped research articles published in portuguese or by brazilian authors until august 2020, in journals present in the

¹ A Equipe Editorial de Confluências informa que o presente artigo **retifica** e **substitui** a versão originalmente publicada em dezembro de 2021, na qual não constavam ajustes provenientes da etapa de revisão.

² Resultado de pesquisa desenvolvida com financiamento de bolsa CNPQ durante 2019 e 2020, e com bolsa FAPESP durante 2020 e 2021.

international database DOAJ (Directory of Open Access Journals), in which the expression “fake news” appeared in the title, abstract and/or in the keywords. The search resulted in 68 articles, with concentration mainly in the fields of Social Sciences, Communication, Health and Education. Predominantly, the works discussed characteristics of fake news content, countermeasures, and conceptual discussions about the impacts of disinformation. Qualitative approaches were more frequent than quantitative. The COVID-19 pandemic declared in 2020 propelled the research about the topic more than presidential elections of 2018. The contrast with international production suggests space for further investigation that could be comparative, quantitative, with more methodological rigour in qualitative analysis and focus on prevalence of fake news.

Keywords: Fake news. Disinformation. Literature review.

Recebido em: 08/10/2020

Aceito em: 16/04/2021

1. INTRODUÇÃO

A emergência das redes sociais trouxe diversas transformações para a comunicação política, suscitando interesse de pesquisadores e da sociedade civil. Entre as consequências significativas para o regime democrático está a proliferação do fenômeno de desinformação a partir da disseminação massiva das chamadas *fake news*. Há preocupações de seus efeitos como responsáveis pelo dismantelamento das estruturas de deliberação na esfera pública democrática (ZANATTA *et al.*, 2018), bem como seus impactos nos processos de tomada de decisão tanto de eleitores como de agentes públicos e lideranças políticas (RICARD; MEDEIROS, 2020). As *fake news* inserem-se, ainda, numa conjuntura de fragmentação e polarização política, gerando novos padrões de interação entre grupos ideologicamente divergentes (BRIGHT, 2018; BRIGHT *et al.*, 2019). Com o contexto da pandemia de Covid-19, evidenciou-se que a falta de consenso em torno de informações de qualidade e baseadas em evidências concretas tem causado grandes dificuldades na implementação de políticas públicas eficientes (HENRIQUES; VASCONCELOS, 2020). Por fim, a estrutura algorítmica das redes sociais é também alvo de preocupações e investigações que buscam entendê-las como palco onde as *fake news* reverberam e onde bolhas ideológicas ou *echo chambers* se formam devido a especificidades de seu funcionamento técnico (BIGO; ISIN; RUPPERT, 2019, p. 127).

Diante desta conjuntura, as Ciências Sociais são necessárias no desenvolvimento de pesquisas científicas sobre *fake news* por darem conta das dimensões políticas e sociais do problema. No entanto, as agendas de pesquisa internacionais têm sido praticamente monopolizadas pelas áreas de Comunicação e Medicina. As tendências para o futuro desta agenda de pesquisa apontam para a busca da superação de insuficiências geradas pela falta de pesquisas de natureza qualitativa, para além dos *surveys*, e de colaboração interdisciplinar aliada às Ciências Sociais e Humanas. O foco dado pelo eixo EUA-Reino Unido também configura uma insuficiência em dar conta da dimensão global que o problema das *fake news* tem, além das especificidades de diferentes contextos que fazem o fenômeno da desinformação adquirir nuances específicas.

Com estas preocupações em mente, este artigo buscou compreender qual a angulação da agenda de pesquisa sobre *fake news* no Brasil e de que maneira ela está alinhada com as tendências internacionais. Para isso, foi realizado levantamento sistemático de artigos de autores brasileiros e/ou em português em que conste a expressão *fake news* em seus títulos, *abstracts* e/ou palavras-chave na base de dados DOAJ (*Directory of Open Access Journals*). O objetivo é propor quais os horizontes de continuidade para mais pesquisas nacionais sobre o problema, especialmente nas Ciências Sociais e no tratamento das *fake news* dentro de uma análise sobre os fundamentos sociais e políticos do regime democrático.

A análise sistemática, com procedimentos explícitos e replicáveis, contou com duas fases: na primeira, foram mapeados os artigos que se enquadraram na chave de busca e foram descartados trabalhos que, apesar de utilizarem o termo *fake news* nas palavras-chave, não abordavam essa temática, como averiguado por uma leitura prévia dos *abstracts* coletados. Os *abstracts* que correspondem ao *corpus* dessa pesquisa são primeiramente caracterizados a partir do ano de publicação, área do conhecimento informada pelos autores para o DOAJ e outras palavras-chave que acompanham os trabalhos, como termos ligados à COVID-19 e eleições; na segunda fase, foi feita síntese a partir da categorização substantiva dos resumos, atentando para dimensões como nacionalidade dos autores, área do conhecimento, temporalidade da publicação, tipo de abordagem do objeto "*fake news*" e métodos utilizados. Com base nestes procedimentos, ficou evidenciado que as *fake news* no Brasil ainda têm sido pouco estudadas como parte de fenômenos políticos de conjuntura mais abrangente, conectada a processos eleitorais e aos pilares do regime democrático. Como será demonstrado nas próximas seções, em comparação com os estudos do mundo anglo-saxão, nas pesquisas sobre o Brasil e de brasileiros, as *fake news* são tratadas a partir de dimensões psicológicas e discursivas e pouco se produziu sobre seu impacto em contextos de eleições e comunicação política.

Quatro outras seções compõem este artigo. Na seção 2, apresenta-se uma contextualização do universo teórico e os acontecimentos que inseriram as *fake news* como problema de pesquisa de relevância mundial. Na seção 3, descrevem-se os resultados de levantamentos feitos sobre agenda de pesquisa internacional, que tem foco em Estados Unidos e Reino Unido. A seção 4 traz os resultados do levantamento sistemático, desenvolvido pelos autores, em que as buscas de artigos no DOAJ são descritas e discutidas. Por fim, a partir da articulação das seções 3 e 4, bloco final aponta insuficiências e tendências que podem orientar futuras pesquisas das Ciências Sociais brasileiras sobre *fake news*.

2. FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO: CONTEXTO DE ASCENSÃO DA AGENDA DE PESQUISA

Fake news podem ser compreendidas como “notícias que são de forma intencional e verificável falsas e podem iludir leitores”³ (ALCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 123), indicando que a intencionalidade de distorção do debate público é um dos fatores centrais deste tipo de conteúdo⁴. Há

³ No original, “*news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers*”. Este e todos os demais trechos citados em inglês foram traduzidos pelos autores.

⁴ Há uma vertente de análise que considera essa definição de *fake news* como caracterizando um gênero discursivo, que se oporia à *fake news* como rótulo, usado para deslegitimar a mídia jornalística, sobretudo na retórica de políticos, a

discussão sobre as problemáticas de uma proposição binária entre *fake news* e notícias “verdadeiras”, dadas as várias nuances e controvérsias em torno da definição de objetividade e verdade, sendo mais propício compreender *fake news* como uma das formas assumidas pelo fenômeno mais amplo de desinformação (MOLINA *et al.*, 2021, p. 185). Algumas das dimensões propostas para a localização e classificação de *fake news* envolvem ainda: a estrutura lexical da mensagem, a organização ou *site* por trás de sua veiculação e a análise das credenciais dos autores por trás do respectivo *site* responsável pela criação do conteúdo (MOLINA *et al.*, 2021, p. 188).

Com a evolução da agenda de pesquisa em torno da desinformação, uma taxonomia do termo *fake news* foi desenvolvida de forma a abarcar dimensões cruciais deste fenômeno, evitando as contradições que a discussão sobre verdade poderia trazer e focando numa proposição que permitisse maior rigor na investigação desse tipo de conteúdo (LAZER *et al.*, 2018, p. 1094). O foco na intencionalidade permite ainda tratar de nuances coletivas e sociais por trás desse fenômeno, como os agentes responsáveis pela produção e disseminação de *fake news* e os incentivos e recompensas por trás dessa dinâmica: "entendemos como elemento distintivo das *fake news* a intenção e os processos de quem divulga. Foco em quem divulga também nos permite evitar o esforço de tentar avaliar a acuidade de cada artigo noticioso"⁵ (LAZER *et al.*, 2018, p. 1095).

A partir da noção de que a democracia também depende dos valores e orientações dos cidadãos para o bom funcionamento de seus procedimentos centrais (NORRIS, 2011), é necessário compreender o papel das redes sociais em geral e especificamente das *fake news* que circulam nesses espaços como condicionantes de uma crise de legitimidade ou, como posto por Castells (2018), como uma ruptura entre a cultura política da sociedade civil e os valores que configuram os pilares do regime vigente. O papel das redes sociais, nesse sentido, é crucial por mediar os fluxos comunicacionais contemporâneos, responsáveis pela formação da opinião pública:

A luta pelo poder nas sociedades democráticas atuais passa pela política midiática (...) e pela autonomia comunicativa dos cidadãos. (...) A digitalização de toda a informação e a interconexão modal das mensagens criaram um universo midiático no qual estamos permanentemente imersos. Nossa construção da realidade e, por conseguinte, nosso comportamento e nossas decisões dependem dos sinais que recebemos e trocamos nesse universo. A política não é uma exceção a essa regra básica da vida na sociedade-rede na qual entramos em cheio (CASTELLS, 2018, p. 20).

A ruptura na relação emissor-receptor nestas redes exacerba também a posição do jornalismo profissional como centro do processo de estruturação da esfera pública e produtor por excelência dos regimes de verdade; como consequência última pode-se pensar em “forte fragmentação da vida pública, que afetou a credibilidade (...) de todas as instituições sociais. Isso faz parte de um mesmo

exemplo de Donald Trump (EGELHOFER; LECHER, 2019). Neste estudo, nos concentramos em *fake news* entendidas no primeiro sentido.

⁵ No original, "we view the defining element of fake news to be the intent and processes of the publisher. A focus on publishers also allows us to avoid the morass of trying to evaluate the accuracy of every single news story".

fenômeno social caracterizado pela perda do sentido comum e também da noção sobre o que é verdade" (ZANATTA *et al.*, 2018, p. 47).

O papel da mídia tradicional como *gatekeeper* foi transformado pelas redes sociais, o que dá à desinformação novos fatores que a diferenciam dos fenômenos de propaganda política vistos desde o século XIX:

O que torna as notícias fabricadas únicas é o ambiente informacional em que vivemos hoje, no qual as mídias sociais são a chave para a disseminação de informação e não recebemos informações unicamente dos *gatekeepers* tradicionais (MOLINA *et al.*, 2021, p. 183)⁶.

Narrativas que antes passavam pelo processo de mediação por parte de uma indústria cultural estabelecida, agora com as redes sociais *online* encontram facilmente espaço com alto potencial de disseminação para grupos similares:

A internet reduziu o custo de entrada para novos competidores -- muitos dos quais rejeitaram essas normas -- e solapou os modelos de negócios das fontes tradicionais de notícias que gozavam de elevado nível de confiança pública e credibilidade (LAZER *et al.*, 2018, p. 1094)⁷.

Com esses contornos contemporâneos, nos últimos anos cada vez mais há o reconhecimento dos riscos apresentados por essas redes como potencializadoras da desinformação, a ponto de analistas enquadrarem a "desinformação digital massiva" como "um grande risco tecnológico e geopolítico" (BOVET; MAKSE, 2019b, p. 2). O que diferencia uma informação produzida a partir das dinâmicas de *fake news* e do jornalismo tradicional são os fundamentos por trás do processo, isto é, se esta produção está baseada no "trabalho baseado na verdade" (*truth-grounding work*) e no compromisso ético (BIGO, ISIN, RUPPERT, 2019, p. 124). Os conteúdos de *fake news* são fabricados a partir de uma dinâmica com foco no potencial de viralização e exploração dos afetos, impulsionados pela polarização política nestas redes. As *fakes news* chegam a ser difundidas mais rápida e amplamente do que as notícias verdadeiras, como já mostraram estudos abrangentes no *Twitter*, principalmente pela atração da novidade contida nas *fake news* (BOVET; MAKSE, 2019a, p. 2).

Os efeitos da polarização política tendem a agravar as consequências de exposição à desinformação, especialmente em indivíduos de posicionamento político mais extremo. "Como Straoud mostrou (2010), indivíduos com atitudes próximas dos extremos da escala ideológica mostram tendências mais pronunciadas à exposição seletiva do que os que estão no meio, um

⁶ No original, "what makes fabricated news unique is the information environment we currently live in, where social media are key to dissemination of information and we no longer receive information solely from traditional gatekeepers".

⁷ No original, "the internet has lowered the cost of entry to new competitors—many of which have rejected those norms—and undermined the business models of traditional news sources that had enjoyed high levels of public trust and credibility".

resultado que pode ser atribuído à certeza aumentada que esses indivíduos tipicamente têm em suas crenças"⁸, sustentou Bright (2018, p. 20).

Em fevereiro de 2017, Donald Trump iniciou uma tendência seguida por outros candidatos populistas de instrumentalização política do termo *fake news* como forma de ataque à mídia tradicional, principalmente quando esta veicula informações que desagradam a narrativa política adotada por ele e seus apoiadores (BIGO; ISIN; RUPPERT, 2019, p. 124). Desde então, tornou-se comum o uso amplo e com pouco rigor do termo *fake news*: “engloba tudo entre falso equilíbrio (notícias reais que não merecem nossa intenção), propaganda (discurso transformado em arma para apoiar um partido sobre o outro) e desinformação (informação preparada para semear dúvida e aumentar a desconfiança nas instituições)⁹”, sintetizam Bigo, Isin e Ruppert (2019, p. 125). Por sinal, a instrumentalização política desse termo e seu uso inicial baseado na noção da dicotomia entre narrativa verdadeira e falsa se revelaram problemáticas significativas para o rigor de pesquisas que adotavam o termo inicialmente.

Com a instrumentalização política de *fake news* como forma de ataque ao *establishment*, candidatos populistas aproveitam-se do *status* de propagador de desinformação como uma forma de aproximar-se de uma base eleitoral fidelizada e altamente mobilizada, por meio da construção de um padrão de liderança carismática. A produção de *fake news* pode ser lida, nesse sentido, como parte de “ações de textualização que são performatizadas por atores sociais altamente legitimados (...), tais como presidentes da República” (ZANATTA *et al.*, 2018, p. 42). As redes sociais estruturalmente reforçam o personalismo como fundamento na construção da identidade pública, outro fator que beneficia a construção narrativa de candidaturas populistas: “no *facebook*, ter uma identidade significa ter uma audiência para os quais a identidade pode ser apresentada. Redes sociais fornecem esse espaço de performance. O próprio ato de tornar uma identidade pública põe a possibilidade de que outros vão ressoar com essa apresentação pública”¹⁰ (MARICHAL, 2012, p.104).

Deste modo, não apenas os candidatos beneficiam-se do ciclo de produção de *fake news* para construção de suas candidaturas, mas também grupos de apoiadores em torno deles.

Participar da elaboração de *fake news* pode se constituir em tipo de distinção, porque possibilita o acúmulo de pelo menos dois tipos de capital: o social, dado que esses grupos, em geral, vinculam-se a movimentos conservadores e muito poderosos do ponto de vista

⁸ No original, “As Stroud has shown (2010), individuals with attitudes at more extreme ends of the ideological scale show more pronounced tendencies towards selective exposure than those in the middle, a result attributed to the increased certainty these individuals typically have in their beliefs”.

⁹ No original, “it spans from false balance (actual news that doesn't deserve our attention), propaganda (weaponized speech designed to support one party over another) and disinformation (information designed to sow doubt and increase mistrust in institutions)”.

¹⁰ No original, “in facebook, to have an identity means having an audience of others to which an identity can be presented. Social networks provide that performance space. The very act of making an identity public poses the possibility that others will resonate with that public presentation”.

político; e econômico, dado que se profissionalizam, constituindo assim o grupo seletivo de experts na produção de um determinado gênero textual (ZANATTA *et al.*, 2018, p. 42)

O caráter e o conteúdo das *fake news* podem variar de país para país, assim como a atitude dos cidadãos nacionais diante delas. Pesquisas já demonstraram que nos Estados Unidos e no Reino Unido as notícias falsas têm se concentrado em atores políticos, enquanto na Alemanha e na Áustria predominou conteúdo envolvendo imigrantes; em 2016, nos Estados Unidos, por exemplo, o foco central foram os candidatos na eleição presidencial, com peças favoráveis a Donald Trump sendo mais compartilhadas do que as que favoreciam Hillary Clinton (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; HUMPRECHT, 2018).

No Brasil, a expressão *fake news* “ganhou força” a partir de outubro de 2017, quando a mídia destacou em reportagens o Projeto de Lei 8.612/2017, que mudava a lei eleitoral e previa a retiradas das plataformas *on-line* de notícias consideradas “discurso de ódio, disseminação de informações falsas ou ofensas em desfavor de partido ou candidato publicadas na *internet*” (VITORINO; RENAULT, 2020). Essa conclusão foi baseada em indicador gerado pela ferramenta *Google Trends*, que revelou que as buscas com “*fake news*” subiram de patamar em conexão com a discussão do projeto. A mesma metodologia indica novo impulso na eleição presidencial de 2018. Do início de 2014 ao fim de 2018, o pico de procura usando a expressão ocorreu na semana que se seguiu à votação do primeiro turno (entre 7 e 13 de outubro), com impacto inclusive como impulsionador mundial do volume de buscas. As expressões mais buscadas relacionaram-se a “*fake news* eleições 2018”, “urnas eletrônicas *fake news*”, “denunciar *fake news*”, “*fake news* kit gay” e “*fake news* urnas” (VITORINO; RENAULT, 2020: 244).

Antes da pandemia de Covid-19, declarada no início de 2020, a centralidade do debate político no mundo brasileiro das *fake news* era traduzida pelo confronto entre duas narrativas estruturantes, na avaliação de Ortellado e Ribeiro (2019). Para os autores, os processos relacionados às *fake news* são mais bem compreendidos por meio do conceito de “mídias hiperpartidárias”, que atuam num ambiente político e social polarizado. Fontes de notícias hiperpartidárias produziram conteúdo de combate. De um lado, estaria o campo antipetista, formado por liberais, conservadores, apólogos do domínio militar na política e outros setores que àquela altura apontariam a corrupção em geral e no Partido dos Trabalhadores em particular como o maior problema do país. Do outro lado, estaria um campo formado por movimentos sociais, ONGs, partidos de oposição e indivíduos e grupos que se identificam com a esquerda. A narrativa que estrutura o campo é a de que o discurso anticorrupção é aplicado seletivamente e disfarça uma ojeriza aos pobres que teriam conseguido conquistas nos governos do PT (ORTELLADO; RIBEIRO, 2019).

Importante registrar que no país foram mapeadas já na ascensão de Jair Bolsonaro as duas modalidades de *fake news* – como gênero narrativo, envolvendo a criação deliberada de

desinformação com aparência jornalística, e como rótulo, de forma a instrumentalizar o termo para deslegitimar notícias da mídia (EGELHOFER; LECHER, 2019). Na campanha de 2018, como candidato, Bolsonaro afirmou em discurso a apoiadores: “Queremos a imprensa livre, mas com responsabilidade. A Folha de S. Paulo é o maior (*sic*) *fake news* do Brasil. Vocês não terão mais verba publicitária do governo” (MARQUES, 2018). Assim, seguia na trilha aberta por Donald Trump, em quem se inspirou em diferentes ocasiões.

No início da pandemia de Covid-19, as redes sociais de Jair Bolsonaro foram utilizadas para manutenção de sua popularidade em queda a partir da construção de narrativas utilizando-se de retórica teológica (PY, 2020, p. 318). A instrumentalização da desinformação dessa forma pode ser identificada como uma estratégia midiática de manutenção de retórica autoritária (PY, 2020, p. 320). Portanto, Bolsonaro, assim como Trump, como uma figura de forte presença *online* utiliza-se da estrutura técnica para construção de símbolos e retórica política, dada a alta capacidade de disseminação dos conteúdos nessas redes.

Em termos de percepção e comportamento do usuário, foram observadas no Brasil semelhanças, mas também diferenças com outros públicos. Estudo comparativo sobre consumo e checagem de *fake news* com 300 estudantes universitários de comunicação de Brasil, Portugal e Espanha revelou que os brasileiros se consideram capacitados a detectar *fake news* políticas com maior intensidade; também declaram checar informações com maior frequência. Entre os países observados, apareceu percepção diferenciada sobre os motivos que levam alguém a espalhar notícias falsas: portugueses acreditam que ganhos em dinheiro são o principal motivo, brasileiros acreditam que haja intenção de alarmar a população e, na Espanha, esse fator rivaliza com a disposição para encobrir outros assuntos (CATALINA-GARCIA, SOUSA, SOUSA, 2019). Os resultados são mais um indício de que características e dinâmicas relacionadas às *fake news* precisam ser observadas levando em conta o contexto em que estão inseridas e que realidades nacionais diversas têm potencial para se diferenciarem substantivamente.

3. AVANÇOS NAS PESQUISAS INTERNACIONAIS MAIS RECENTES

Diante desta conjuntura, entre 2008 e 2017 há uma rápida ascensão na produção internacional de artigos sobre *fake news*, apesar do longo histórico da pesquisa sobre informações falsas, geralmente referenciadas sob o termo de "*misinformation*". Em levantamento sistemático utilizando o *Google Scholar* com base num corpus de 142 artigos que contém as expressões *fake news* e *misinformation* nas palavras-chave, Ha *et al* (2019) evidenciaram um aumento significativo de pesquisas com o termo "*fake news*" no ano de 2016 e 2017, provavelmente devido ao cenário eleitoral americano de 2016 (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 10). Entre os principais achados deste

levantamento, está a discrepância de estudos publicados majoritariamente na área de comunicação e psicologia:

Comunicação (N=30) e Psicologia (N=35) foram as duas grandes disciplinas que contribuíram com a maioria dos artigos de estudo sobre *fake news* e *misinformation*. [...] Não surpreendentemente, notícias políticas (N=39) e notícias sobre Saúde pública/Medicina (N=21) foram os dois tipos mais comuns de conteúdo de *fake news* e *misinformation* estudados¹¹ (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 13)

A psicologia preocupa-se com os efeitos cognitivos da exposição contínua à desinformação, e mesmo os efeitos das correções, buscando avaliar quais seriam os processos de validação de informações mobilizados, consciente ou inconscientemente, pelos indivíduos e as variáveis que influenciam numa maior suscetibilidade às *fake news*. Enquanto isso, na área de comunicação, o papel do jornalismo tradicional no combate à desinformação é altamente evidenciado no estudo do *fact-checking*, estratégia proposta tanto por agências de jornalistas profissionais como no conjunto de habilidades a serem fomentadas no eleitorado por meio do que se chama de *digital literacy*:

Soluções para enfrentar a prevalência de *fake news* incluem *fact checking* (e.g., Coddington, Molyneux, & Lawrence, 2014), inoculação e letramento midiático (Calvert & Vining, 2017; Downman, 2017). Psicólogos focam no processamento informativo e na memória de *fake news* e *misinformation*. Medidas preventivas como censura ou bloqueio não são recomendadas, mas identificação e alertas de *fake news* usando tecnologia de IA (inteligência artificial), inoculação como o letramento midiático e medidas corretivas como o *fact checking* são soluções comumente sugeridas¹² (HA; ANDREU PEREZ; RAY., 2019, p.6)

Apesar do menor número de publicações na área de ciências sociais e ciência política, esse estudo detectou o alto interesse em *fake news* de cunho político-partidário por uma perspectiva internacional, com este tipo de conteúdo sendo analisado por 38 dos 142 artigos encontrados. Em seguida, apareceram as análises de *fake news* da área da Saúde e Medicina, mesmo antes do contexto de Covid-19 (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 10).

Em questões metodológicas e de problema de pesquisa, os efeitos das *fake news* (N=55) num contexto mais amplo, tratados principalmente de forma conceitual, são o tópico mais comum. Pesquisas sobre o impacto das *fake news* no público e processos cognitivos de checagem por parte do eleitorado são mais propensas à utilização de metodologia quantitativa, enquanto os efeitos das *fake*

¹¹ No original, "*Communication (N = 30) and psychology (N = 35) were the two major disciplines that contributed the most articles to the study of fake news and misinformation, respectively. [...]. Not surprisingly, political news (N = 39) and public health/medicine news (N = 21) were the most common content type of fake news and misinformation being studied.*"

¹² No original, "*Solutions to counter the prevalence of fake news include fact checking (e.g., Coddington, Molyneux, & Lawrence, 2014), inoculation, and media literacy (Calvert & Vining, 2017; Downman, 2017). Psychologists focus on the information processing and memory of fake news and misinformation. Preventive measures such as censorship or blocking are not recommended, but identification and warning of fake news using AI (artificial intelligence) technology, inoculation such as media literacy, and remedial measures such as fact checking and corrections are commonly suggested solutions*"

news na conjuntura social mais ampla e as causas e motivações por trás de sua produção tendem a aparecer em *papers* de trabalho conceitual ou qualitativo (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 11). Há também concentração de financiamento em apenas duas frentes de investigação sobre o problema, e há alta relação entre artigos provenientes de pesquisas com financiamento e maior número de citações:

Cerca de um terço dos estudos analisados foram financiados por fundos de pesquisa. Os tópicos com maior probabilidade de receberem financiamento foram capacidade de reconhecimento e determinação de *fake news* pela audiência (N=20), efeitos das *fake news* (N=21), e processamento de informações de *fake news* e *misinformation* (N=18). A taxa de citações dos estudos financiados (média = 124 citações, N =47), foi aproximadamente três vezes maior do que a de estudos não financiados¹³ (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 12)

Apontam-se insuficiências, no entanto, de diversas ordens nessa agenda de pesquisa. Uma delas é a maior demanda por estudos de ordem multidisciplinar, que busquem investigar o fenômeno da perspectiva de disciplinas como as Ciências Sociais e a ciência da computação, dada a relevância da estrutura técnica das redes para o problema da desinformação:

Nossa compreensão dos tópicos pode ser enriquecida futuramente com percepções de várias outras disciplinas, incluindo as humanidades e o campo da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Pesquisas colaborativas podem revelar perspectivas interessantes que serão úteis no combate às *fake news*.¹⁴ (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 21)

A parceria entre ciências sociais e ciência da computação seria benéfica, por exemplo, para melhor compreensão do papel da estrutura técnica das redes sociais nos fenômenos fundamentalmente políticos, como as transformações trazidas às campanhas eleitorais nessas plataformas, evidenciadas por Bright (2019):

Foi demonstrado que o uso do *Twitter* é eficiente na geração de reações da imprensa. As consequências dessa transformação são, potencialmente, consideráveis e vão do desenvolvimento de estilos de campanha mais responsivos e interativos, até a erosão do controle central exercido pelos partidos sobre candidatos individuais e o aumento na personalização das campanhas.¹⁵ (BRIGHT *et al.*, 2019, p. 3)

Além disso, cresce a demanda por pesquisas que busquem explicar o fenômeno da desinformação numa perspectiva multi-local, que faça dialogar contextos diferentes, em busca de perspectivas mais abrangentes. A maioria dos artigos revisados no levantamento de Ha *et al* (2019)

¹³ No original, “About one-third of the studies we analyzed were funded by research grants. The topics most likely to receive funding were audience’s determination/recognition of fake news/misinformation (N = 20), effects of fake news (N = 21), and information processing of misinformation and fake news (N = 18). The average citations of funded studies (mean = 124 citations, N = 47) are almost three times higher than the non funded studies”

¹⁴ No original, “Our understanding of the topics can be further enriched with the insights from various other disciplines, including both humanities and science, technology, engineering, and mathematics (STEM) fields. Collaborative research can reveal interesting perspectives that will be helpful to combat fake news.”

¹⁵ No original, “Twitter use has been shown to be effective at generating press reaction. The consequences of this shift are, potentially, considerable and run from the development of more responsive and interactive campaigning styles. to the erosion of central party control over individual candidates and the increased personalization of campaigns”

são provenientes de autores com filiação institucional ou nos Estados Unidos (N=81) ou em demais países de língua inglesa (N=30) (HA; ANDREU PEREZ; RAY, 2019, p. 14) A abordagem em nível nacional que foi utilizada na maior parte dos estudos até hoje não dá conta do escopo naturalmente globalizado deste fenômeno (BRIGHT, 2018). A perspectiva multidisciplinar e comparada é essencial para o avanço dessa agenda de pesquisa e das especificidades da manutenção desses fenômenos em países em desenvolvimento:

Nosso chamado é pela promoção de pesquisa interdisciplinar para reduzir a disseminação de *fake news* e abordar as patologias subjacentes reveladas. [...] Esse esforço deve ter escopo global, dado que muitos países, alguns dos quais nunca tiveram o desenvolvimento de um ecossistema midiático robusto, enfrentam desafios em torno de notícias falsas e verdadeiras que são mais agudos que nos Estados Unidos.¹⁶ (LAZER *et al.*, 2018, p. 1096).

A falta de estudos que empreguem metodologia qualitativa é também evidente a partir dos dados de Ha *et al* (2019, p.12), constatando-se que apenas 15% destes artigos empregaram métodos como entrevistas, história oral, etnografia e grupos focais: “Será benéfico estudar a motivação e as causas para produzir notícias falsas, seus efeitos e características com mais profundidade usando métodos qualitativos. Essa pesquisa exploratória fornecerá uma estrutura mais robusta para informar estudos futuros”¹⁷. Há diversas lacunas que poderiam ser exploradas mais adequadamente a partir da compreensão do fenômeno em locais fora do eixo EUA-Europa, apropriando-se do arcabouço teórico e metodológico oferecido pelas ciências sociais na compreensão de fenômenos de ordem coletiva e política:

Há lacunas teóricas e empíricas significativas na nossa compreensão dos mecanismos pelos quais preferências direcionadas afetam crenças factuais e como esse processo varia entre indivíduos e diferentes contextos, [...] e nas limitações das abordagens recentes de mensuração das percepções equivocadas através de *surveys*¹⁸ (FLYNN; NYHAN; REIFLER, 2017, p. 128).

4. METODOLOGIA

Buscando compreender qual a angulação da produção em português e de brasileiros sobre *fake news*, foi realizado uma revisão sistemática desta expressão na base de dados internacional DOAJ, contemplando a produção de artigos até o mês de agosto de 2020 - seis meses após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar pandemia de Covid-19. Revisões sistemáticas são um tipo de investigação científica com o fim de mapear, sintetizar e avaliar os resultados de estudos

¹⁶ No original, “*Our call is to promote interdisciplinary re- search to reduce the spread of fake news and to address the underlying pathologies it has revealed. [...] This effort must be global in scope, as many countries, some of which have never developed a robust news ecosystem, face challenges around fake and real news that are more acute than in the United States*”

¹⁷ No original, “*It will be beneficial to study the motivation and causes to produce fake news, its effects, and characteristics in more depth using qualitative methods. Such exploratory research will provide a more robust framework for informing further studies.*”

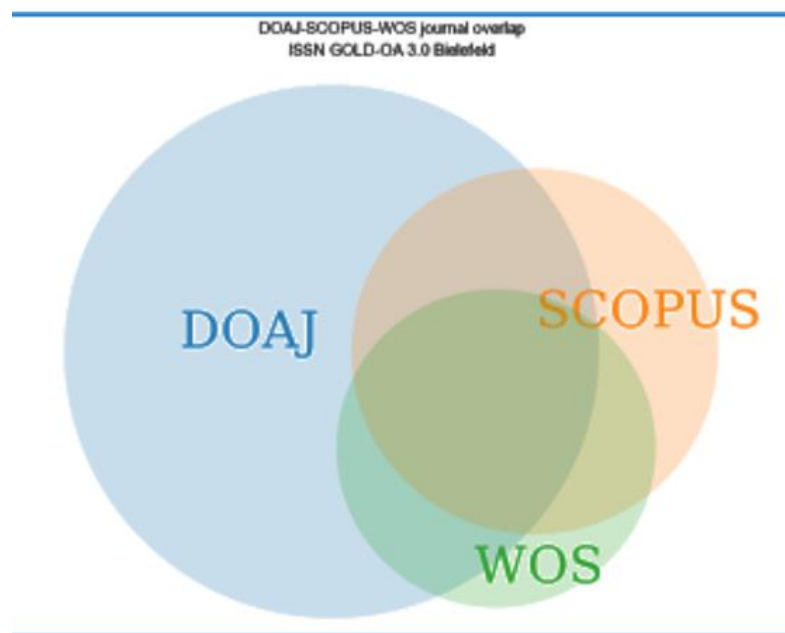
¹⁸ No original, “*There are significant theoretical and empirical gaps in our understanding of the mechanisms by which directional preferences affect factual beliefs and how that process varies across individuals and in different contexts, (...) and in the limitations of current approaches to measuring misperceptions in surveys*”

primários, que representam suas unidades de observação. Essas revisões utilizam procedimentos explicitados e sistemáticos, de forma a serem replicáveis, e podem envolver a análise interpretativa dos conteúdos levantados. Requerem uma pergunta clara e são especialmente indicadas para mapear e redefinir agendas de pesquisa sobre determinada área ou tema (GREENHALG, 2001; RAMOS; FARIA; FARIA, 2014; TAYLOR; PROCTER, 2021).

De acordo com Xiao e Watson (2019), a revisão de literatura é uma etapa importante para a construção de futuras pesquisas, dado a possibilidade de sumarização do atual estado da arte e localização de lacunas a serem preenchidas (XIAO; WATSON, 2019, p. 2). Os objetivos envolvem integrar, agregar e interpretar o *corpus* de trabalhos presentes sobre um tema, descrevendo-os de forma quantitativa e/ou qualitativa (XIAO; WATSON, 2019, p. 3). Uma das formas pelas quais pode-se proceder é realizar uma síntese da literatura com base em características descritivas dos trabalhos coletados, como o contexto de produção, tema abordado, metodologia usada, país de origem do estudo, área do conhecimento, entre outros, prosseguindo para o agrupamento e interpretação desses estudos a partir de suas similaridades e diferenças (XIAO; WATSON, 2019, p. 3). Os procedimentos envolvem: a formulação de um problema de pesquisa; o desenvolvimento e validação de um protocolo; levantamento e extração dos trabalhos; seleção por meio de critérios de inclusão e exclusão; análise quantitativa e/ou qualitativa; síntese dos resultados (XIAO; WATSON, 2019, p.10).

O *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) foi selecionado por se tratar de uma base de financiamento compartilhado e independente, com sede no Reino Unido, que reúne mais de 15 mil periódicos com revisão pelos pares, em áreas diversas como ciências, tecnologia, medicina, ciências sociais, artes e humanidades (DOAJ, 2021a). Não há custos para ter o periódico incluído na base e o acesso a artigos e metadados é aberto e gratuito, diferentemente de bases como *Web of Science* e *Scopus*, mantidas respectivamente pelas corporações *Clarivate* e *Elsevier*; ainda que estas duas bases também aceitem periódicos de consulta aberta, possuem cobranças em outros pontos do processo, como na filiação à base. Segundo o DOAJ, sua cobertura em número de periódicos de acesso aberto supera a das duas outras bases mencionadas: 12,6 mil contra 5,9 mil da *Scopus* e 4,5 mil da *Web of Science*, em janeiro de 2019, como reportado na figura 1 (DOAJ, 2021b). A participação de periódicos sediados no Brasil é expressiva, representando perto de 10% do total (N=1.546) e incluindo publicações da base *Scielo*.

Figura 1 - Superposição das bases de dados considerando artigos de acesso aberto (jan/19)



Fonte: DOAJ (2021b)

O levantamento realizado buscou responder às seguintes indagações: qual o período de publicação de *papers* brasileiros sobre *fake news*? De que maneira esses *papers* distribuem-se ao longo dos anos? Quais são as áreas do conhecimento que mais publicaram sobre *fake news* no Brasil? Quais temáticas mais aparecem acompanhadas desta palavra-chave nestes trabalhos? Essas questões permitem traçar comparações com os resultados encontrados por Ha *et al.* (2019) e ver em que medida as conclusões sobre as pesquisas internacionais sobre *fake news* correspondem à produção e à agenda de pesquisa brasileira.

Como critério de inclusão, foram selecionados artigos publicados em periódicos brasileiros, assim como artigos publicados por autores brasileiros em periódicos internacionais. Os dados analisados foram os títulos, as *palavras-chave*, os *abstracts*, área de conhecimento informada pelos autores do artigo, e o país de origem do artigo. No DOAJ, a busca¹⁹ pelos termos *fake news* nos campos “título”, “*abstract*” e “*keywords*” retornou 387 resultados, com a primeira ocorrência no ano de 2012, dos quais 68 eram de autoria de pesquisadores brasileiros, em periódicos nacionais e internacionais, representando 17,6% do total. Na seção seguinte, esse *corpus* é descrito e interpretado a partir de ano de publicação, área do conhecimento e ocorrência de palavras-chaves nos *abstracts*, selecionadas com o objetivo de compreender a frequência de três temáticas de problemas de pesquisas conexas com *fake news*: desinformação política, sobre medicina e saúde pública e sobre comunicação.

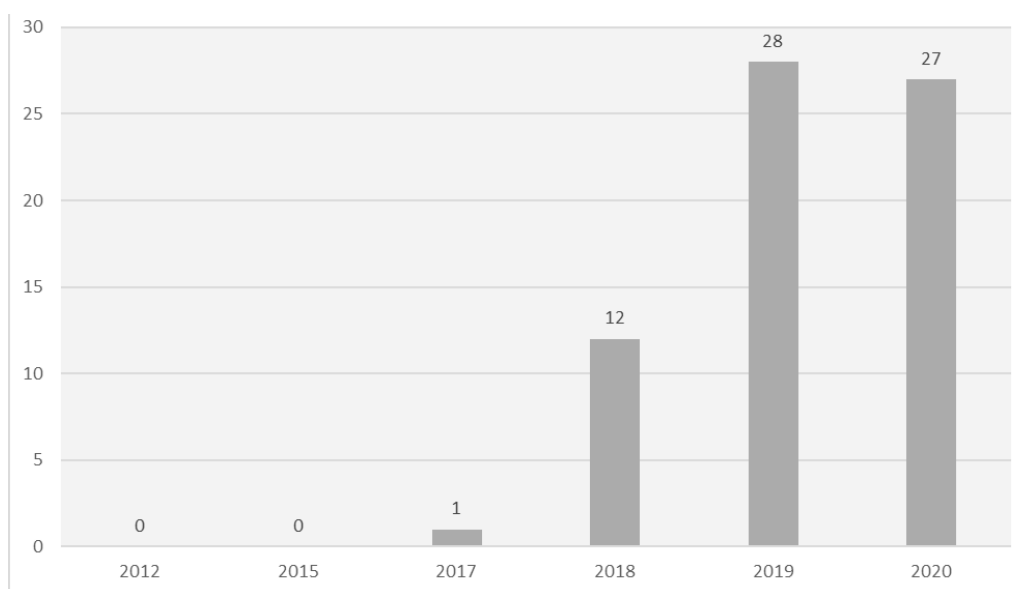
4. RESULTADOS

¹⁹ Link da busca na plataforma DOAJ: <https://bit.ly/3fGyXop>

Esta seção apresenta os resultados em duas frentes: primeiro realizou-se uma análise quantitativa dos atributos de interesse, comparando-os com a síntese apontada por Ha *et al* (2019) da pesquisa internacional sobre *fake news*. Apresenta-se, portanto, um panorama do período de publicação, áreas do conhecimento e outras palavras-chave que acompanham o termo *fake news* com maior frequência. Em seguida, os 68 *abstracts* foram lidos e interpretados pelos autores tendo em vista principalmente traçar um panorama sobre os principais problemas de pesquisa e metodologias empregadas nestes estudos, descrevendo-os em termos de similaridades e diferenças, apontando também lacunas que informem possibilidades de continuidade nessa agenda de pesquisa, como apontado por Ha *et al* (2019).

4.1. Descrição quantitativa dos artigos analisados

Gráfico 1 - Publicações distribuídas por ano de publicação

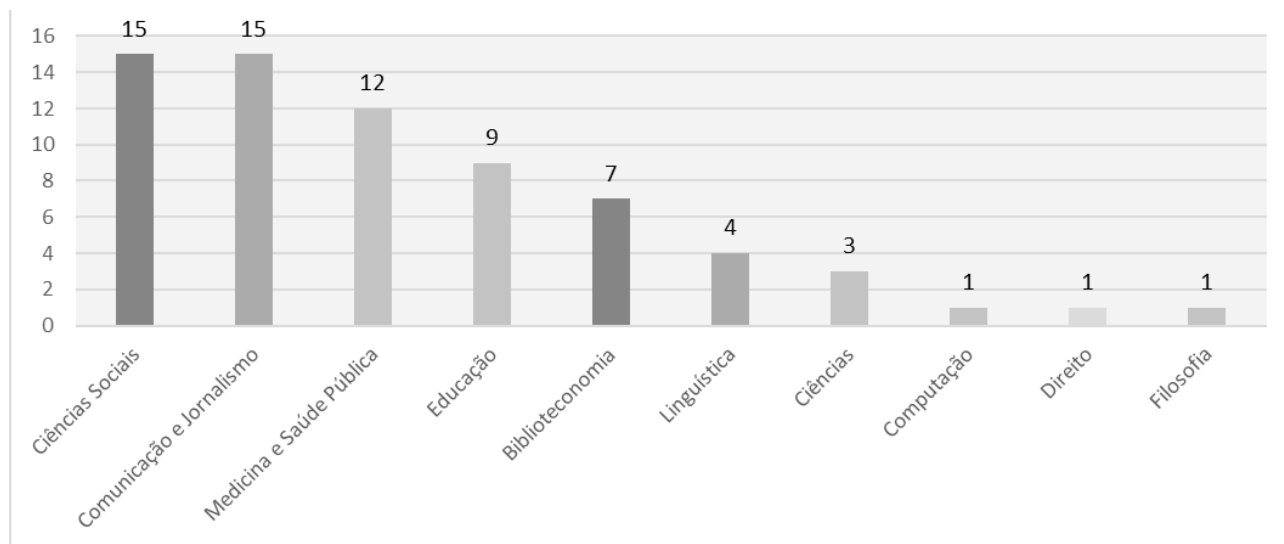


Fonte: DOAJ/Elaboração dos autores

Foram encontrados dois registros no ano de 2012 e 2015, porém foi verificado pela leitura dos *abstracts* que, apesar do uso do termo *fake news* nas palavras-chave, o trabalho não abordava o tema de *fake news*, sendo por isso excluídos da análise. O primeiro registro válido, portanto, é do ano de 2017, como apontado no gráfico 1. Vemos uma divergência com os resultados de Ha *et al.*, que apontaram um primeiro uso do termo mundialmente em 2008. Pode-se dizer que o ano de 2018 foi um marco inicial na constituição de uma agenda de pesquisa brasileira sobre *fake news* devido, principalmente, ao contexto das eleições presidenciais. Enquanto o tema foi inicialmente tratado no mundo no escopo da psicologia e dos efeitos das *fake news* como boatos no jornalismo, no Brasil as pesquisas já apresentaram, certamente devido a este contexto temporal, uma inserção da

desinformação como um fenômeno político e social. Isto pode ser melhor evidenciado no gráfico 2, em que se analisa as áreas de conhecimento que mais publicaram, de modo geral, com o termo *fake news*.

Gráfico 2 - Publicações brasileiras por área do conhecimento

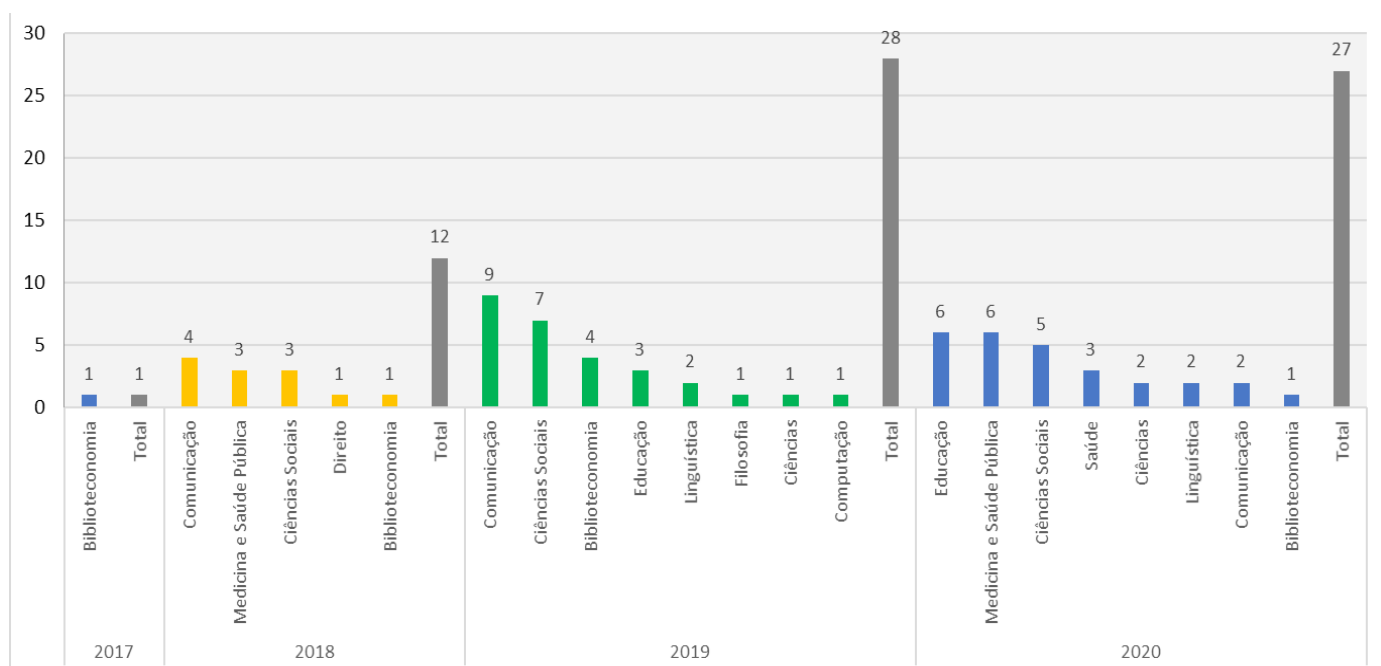


Fonte: DOAJ/Elaboração dos autores

De maneira bastante equilibrada, vemos no gráfico 2 que a contribuição das ciências sociais²⁰ e da comunicação são as mais significativas. A tendência mundial apontada de que com os acontecimentos políticos eleitorais de 2016 e 2018 causariam uma maior inserção da área de ciências sociais nessa agenda de pesquisa confirma-se no Brasil. A medicina continua sendo também uma área bastante proeminente em pesquisas sobre *fake news*. Destaca-se uma insuficiência significativa, apontada por Ha Louisa *et. al.* e que se confirma também no Brasil, na falta de produção da área de ciência da computação, crucial para a compreensão dos mecanismos algoritmos das redes sociais que impactam diretamente no fenômeno de desinformação. Algumas tendências nas áreas do conhecimento podem ser avaliadas de forma mais detalhada ao analisarmos de maneira distribuída no tempo (gráfico 3).

Gráfico 3 - Publicações brasileiras por área do conhecimento distribuídas por ano

²⁰ Categoria criada pelos autores a partir do agregado de resultados em “sociologia”, “antropologia” e “ciência política”

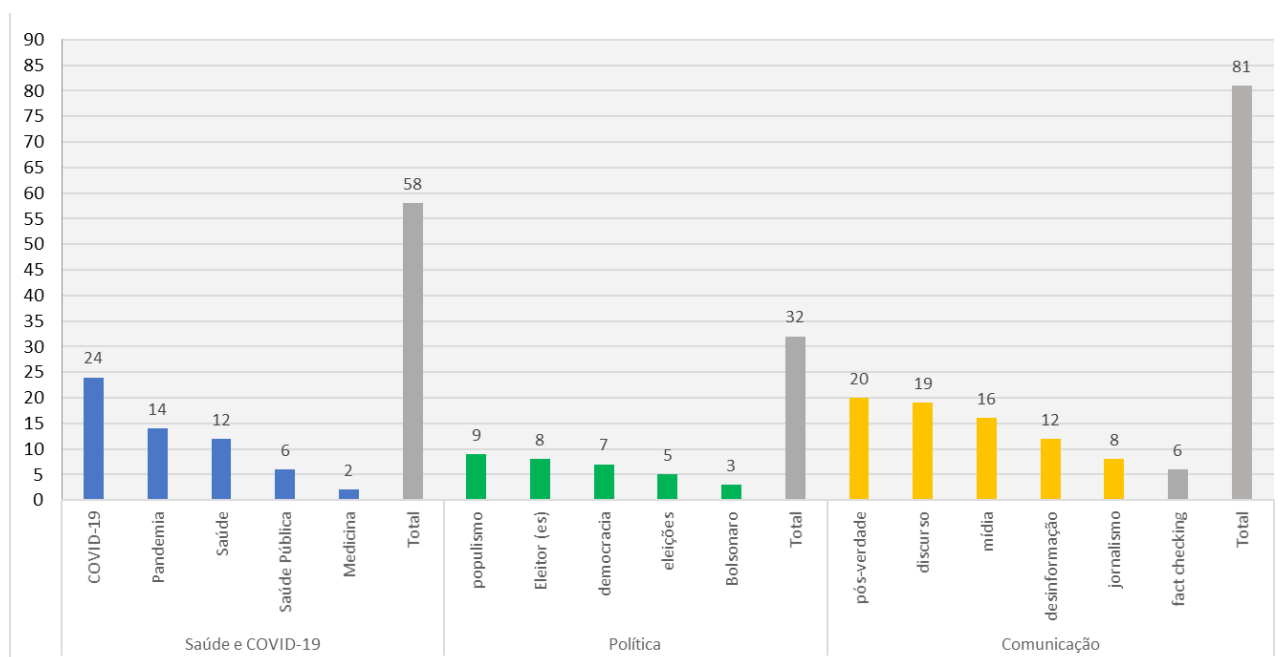


Fonte: DOAJ/Elaboração dos autores

Até 2018, percebe-se no gráfico 3 que havia predominância das áreas de comunicação, medicina e biblioteconomia nas pesquisas sobre *fake news*. Esse cenário muda em 2019, o que se supõe estar conectado ao evento das eleições presidenciais. A medicina apenas retoma a atenção às *fake news* em 2020, e temos então uma ascensão também da área da educação. Com o acontecimento da pandemia de SARS-COV-2, podemos avaliar que o impacto das tecnologias no ensino remoto trouxe maiores preocupações entre os pesquisadores de educação sobre a desinformação num processo de aprendizado à distância. Atualmente aumenta a demanda por pesquisas interdisciplinares entre a medicina e as ciências sociais sobre *fake news*, compreendidas agora também como problema de saúde pública. Isto confirma a tendência apontada por Ha Louisa *et. al.* de que as *fake news* serão cada vez mais tratadas como um problema de pesquisa de natureza interdisciplinar.

A última análise a ser apresentada neste bloco diz respeito à ocorrência de certas palavras-chave que podem dar indícios de quais abordagens têm sido aplicadas neste corpus de análise de 68 *papers* sobre *fake news*. Estes resultados podem, de forma preliminar, sugerir se realmente a pandemia de Covid-19 e as eleições presidenciais de 2018 são os temas mais abordados nestas pesquisas, e se a grande presença das ciências sociais como área de maior número de publicações significa necessariamente ou não que as *fake news* estão sendo tratadas como problema de pesquisa de ordem política e social.

Gráfico 4 - Ocorrências dos termos nos resumos e palavras-chave dos artigos brasileiros



Fonte: DOAJ/Elaboração dos autores

Apesar do maior número de pesquisas na área de Ciências Sociais, os termos apresentados no gráfico 4 ligados a uma abordagem das *fake news* como problema de comunicação e jornalismo (categoria apresentada em amarelo) ultrapassam muito as palavras ligadas a uma abordagem política, com uma ocorrência de 81 contra 32. O termo “pós-verdade” em especial é recorrente como explicação de conjuntura descrita na seção anterior, em que se analisa a natureza dos discursos presentes nos conteúdos veiculados em redes sociais. O termo com maior número de ocorrências, “COVID-19”²¹, confirma a hipótese de que o contexto da pandemia impulsionou as pesquisas sobre *fake news* no Brasil. Ressalta-se ainda que, mesmo com toda a repercussão, nacional e internacional, do uso de *fake news* por grupos bolsonaristas na eleição de 2018, o termo “Bolsonaro”²² aparece apenas 3 vezes, sendo o termo com menor ocorrência no grupo de palavras-chave relacionadas à política. Podemos concluir, portanto, que o maior número de publicações na área de ciências sociais não significou necessariamente que as *fake news* estão sendo tratadas como problema de pesquisa dentro da agenda de estudos eleitorais, comportamento político, sociologia política e demais áreas correlatas, no universo pesquisado.

4.2. Análise dos *abstracts* e descrição da pesquisa brasileira

A análise interpretativa dos resumos dos artigos mapeados revelou que formas de enfrentar a disseminação de *fake news* são o objeto de pesquisa e reflexão mais recorrente. O tema responde

²¹ Nesta busca inclui-se as variações do termo: coronavírus e SARS-COV-2. O mesmo vale para as outras palavras-chave, em que se agrupou os resultados de variações do termo: democracias, Jair Bolsonaro, eleição, desinformações.

²² O termo “Bolsonaro” retornou 2 ocorrências, e o termo “Jair Bolsonaro” retornou 1, totalizando 3 ocorrências.

pelo maior grupo da produção encontrada, com variações que vão da abordagem sobre o *fact checking* do ponto de vista conceitual ou operacional a discussões sobre letramento digital e outras formas de fazer frente às notícias falsas. Também revelou centralidade a produção sobre as características das *fake news* -- não raro com abordagens qualitativas que se debruçam sobre um dado ramo temático, como a malária ou a epidemia de Covid-19, e se limitam a analisar o conteúdo de peças que contrariam o saber científico ou fatos comprováveis. Um terceiro grande grupo de artigos reúne discussões conceituais, com ênfase na investigação sobre as relações entre *fake news* e temas como objetividade jornalística, verdade e pós-verdade e democracia.

Nos segmentos de ciências sociais (N=15) e comunicação (N=15), que concentraram estudos, há predominância na utilização de metodologias como análise de conteúdo e do discurso sobre conteúdos de *fake news* em si. Há propostas de dimensões cruciais na consideração da qualidade de uma informação e avaliação de elementos na estrutura do texto de *fake news*, como o formato do conteúdo, a estratégia linguística utilizada e as fontes que veiculam esse tipo de conteúdo. Aliada a essas análises, propõem-se também discussões sobre a estrutura técnica das redes sociais e como estes ambientes *online* influenciam num contexto de disseminação massiva de desinformação, assim como qual seria o papel do jornalismo tradicional ao entrar nestes espaços.

Os trabalhos que se dedicam a uma discussão teórica demonstram grande preocupação com a temática da pós-verdade e a relação com a desinformação em redes sociais. Busca-se compreender quais são as transformações na lógica receptor-emissor, apontando a pós-verdade como resultado dessa transformação estrutural no ecossistema midiático, à qual o Jornalismo deve adaptar-se. O *fact-checking* aparece como grande temática em duas frentes neste sentido. A primeira como medida de combate à desinformação a ser desempenhada por jornalistas, mas também como medida multissetorial. Algumas pesquisas analisam e compilam formas já adotadas de *fact-checking* no cenário global, por meio de agências governamentais ou privadas, e tentam traçar diretrizes para a adoção de boas práticas aos *fact-checkers* profissionais. No entanto, o *fact-checking* aparece também com outro papel: o da reconstrução da legitimidade do Jornalismo profissional e da mídia tradicional.

Há propostas de como o jornalismo pode usar o *fact-checking* como estratégia de recuperar a credibilidade frente a um público cada vez mais exposto a conteúdos em redes sociais, por exemplo aumentando a transparência sobre o processo de veiculação de informações (SPINELLI, SANTOS, 2018). Por exemplo, a pesquisa de Diniz (2018) aponta "como as plataformas de *fact-checking* se estão a legitimar como instituições de credibilidade do jornalismo contemporâneo", avaliando as diretrizes de trabalho dos *fact-checkers* profissionais que contribuem nesse sentido. Há também menções de como outras mídias tradicionais já se utilizam de recursos como as notas de repúdio como "estratégia de defesa para reafirmar que o conteúdo veiculado é verdadeiro e merece credibilidade" (BARBOSA, SANTI, 2019). A reconstrução da legitimidade do jornalismo perante ao público é

apontada como importante também numa conjuntura de crise da democracia liberal, com o Jornalismo tendo o papel fundamental de mediação entre os cidadãos e o poder público e sua legitimidade intrinsecamente conectada à legitimidade democrática (SCOTT, 2019).

Há, no entanto, discussões teóricas sobre a ética jornalística e a relação com a questão da objetividade. Põe-se em questão a própria definição de *fake news* como problemática quando tomada a partir da noção do jornalismo tradicional como detentor do monopólio da produção legítima de narrativas sobre acontecimentos publicamente relevantes. Há apontamentos sobre como a relação do Jornalismo com a verdade já se encontrava imbricada de contradições mesmo antes do contexto de *fake news*, e como as *fake news* apenas tensionam a pretensão da objetividade jornalística (Christofoletti, 2018).

No campo das ciências sociais, a principal conexão com esta agenda da comunicação se dá em dois pontos de convergência. O primeiro é o frequente recurso à análise de conteúdo e análise de discurso dos conteúdos de desinformação de cunho político, principalmente utilizando-se de *fake news* ligadas à figuras públicas (CHAVES, BRAGA, 2019; ALMEIDA, 2019). O segundo ponto de convergência é discussão sobre o papel do jornalismo profissional na conjuntura de pós-verdade, especialmente em que sentido a convivência democrática encontra-se prejudicada devido a distorção da opinião pública por meio da desinformação, sendo o *fact-checking* também tratado como estratégia de combate necessária para recuperação da confiança do eleitorado na democracia (JUNIOR, 2019; EICHLER; KALSING; GRUSZYNSKY, 2018). O aporte teórico trazido pelas ciências sociais discute os contornos contemporâneos em torno da ideia de verdade, além de uma preocupação crescente principalmente com o contexto de pandemia de COVID-19 dessa problemática com as consequências das *fake news* para o processo de tomada de decisão em políticas públicas (HENRIQUES,; VASCONCELOS, 2020). Há poucos trabalhos, no entanto, que discutem a influência da dimensão técnica das redes sociais nesse cenário (DELMAZO; VALENTE, 2018). Aliado ao *fact-checking*, aponta-se a estratégia do fomento ao letramento comunicacional, a partir do apontamento de que as novas TICs trazem a necessidade de novas práticas de leitura crítica e cívica, da formação de leitores "capazes de ler o texto e seus entornos" (SILVA, 2019; GOMES, 2019).

O contexto de Covid-19 trouxe à tona uma maior produção das ciências sociais no sentido da investigação das dinâmicas de produção das *fake news*. Enquanto as pesquisas de comunicação demonstram preocupação com os efeitos do consumo desse conteúdo, e possíveis estratégias de combate, há cada vez mais produção das ciências sociais preocupadas com a outra ponta desse processo. Há a possibilidade de investigação da estrutura de incentivo por trás dos atores responsáveis pela criação e disseminação de desinformação, a exemplo de estudos do financiamento eleitoral nas eleições presidenciais de 2018 (BORTONE, 2020). Essas pesquisas são orientadas por hipóteses informadas pela agenda de pesquisa internacional sobre as dinâmicas de disseminação de

desinformação, que, ao invés do que se imaginava, não são produzidas de forma orgânica e aleatória, mas coordenadas por atores organizados em redes específicas (XAVIER *et al*, 2020; RECUERO; GRUZD, 2019). Há o apontamento de inovações metodológicas que podem elucidar dinâmicas nesse sentido, como a análise de redes sociais (ARS) e a etnografia digital, utilizada para mapeamento do contexto de circulação de *fake news* e os atores mais relevantes na instrumentalização da desinformação como estratégia comunicacional de campanhas políticas (BARRETO JUNIOR; VENTURI JUNIOR, 2020; XAVIER *et al*, 2020). Usualmente, realiza-se o monitoramento de *fake news* de um tema específico ou de um evento político de alta relevância em redes sociais, e combinasse a ARS com análise qualitativa e quantitativa traçando os principais atores envolvidos nas dinâmicas de disseminação desse conteúdo (RECUERO; GRUZD, 2019).

As demais áreas representaram 38 artigos apurados no estudo. Há concentração na área de saúde, educação e ciências da informação/biblioteconomia. Também neste segmento predominam artigos sobre características e formas de combate às *fake news*, com ênfase na possibilidade de capacitar os usuários de redes sociais e outros meios de difusão. Na área da Saúde (N=12), Covid-19 e vacinas - incluindo a da febre amarela - foram os temas mais frequentes, mas há também discussões epistemológicas sobre o status de verdade da Ciência, a exemplo do artigo de Mesquita, Oliveira, Seixas e Paes (2020). A relevância do tema das *fake news* para a área fica patente no fato de a - Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde (RECIIS), da Fiocruz, ter publicado um dossiê sobre *fake news* e saúde no seu número de janeiro a março de 2020.

Na educação, o tema mais frequente foi a capacitação dos usuários da comunicação digital para fazer frente às *fake news*. Dos 9 artigos da área, 4 tratam do assunto. Os demais têm temática variada, com destaque para Desenhos de uma genealogia discursiva da mentira: as relações dos libelos do século XIX na França com as *fake news* do século XXI no Brasil (SILVA JÚNIOR; BARACUHY; SILVA, 2020). Em ciência da informação/biblioteconomia (N=7), três artigos tratam do ambiente informacional contemporâneo, caracterizado por hipertrofia da informação e outros três de formas de combater as *fake news*. No grupo de outros temas, um artigo chama a atenção por ser o único do *corpus* que avança para a área tecnológica: Detecção automática de bots em redes sociais: um estudo de caso no segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018; no estudo, um professor da Universidade de São Paulo (USP), um doutorando em sistemas de informação, um doutorando em engenharia elétrica e um graduando em sistemas de informação - que é o primeiro autor do artigo - desenvolvem uma metodologia para detecção de pontos automatizados nas redes sociais a partir da eleição presidencial de 2018 (LÊU *et al.*, 2019).

A análise dos resumos permitiu verificar lacunas importantes nos estudos publicados no Brasil e desenvolvidos por brasileiros. Em contraste com a produção internacional descrita por Ha *et al.* (2019), os estudos qualitativos e as discussões conceituais predominaram, indicando que há

margem para mais estudos quantitativos sobre a realidade brasileira. Investigações sobre a prevalência de *fake news* ou de tipos específicos, que permitam avaliar quanto estão difundidas, são raros. Entre os estudos empíricos qualitativos, o usual é anunciar que será feita análise de conteúdo, mas são exceção os que entram nos detalhes sobre a metodologia, explicitando o tipo de abordagem escolhida ou os referenciais usados nas interpretações e categorizações. Isso indica que há margem para aprimoramento a partir de uso mais sistemático dos diferentes referenciais e escolas possíveis de inspirarem análises desse tipo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou, por meio de levantamento sistemático e revisão de literatura, traçar um mapeamento preliminar sobre as pesquisas de *fake news* no Brasil, e quais podem ser as tendências de pesquisas futuras nacionais que partam das contribuições e insuficiências construídas pela agenda internacional, mas também possibilitem reflexões que deem conta das especificidades do contexto brasileiro e latino-americano.

Com isto, evidenciou-se que, por mais que no Brasil as ciências sociais tenham dado cada vez mais atenção às *fake news*, ainda é embrionário o tratamento destas como fenômenos políticos de conjuntura mais abrangente, conectada a processos eleitorais e aos pilares do regime democrático. Há predomínio de pesquisas de cunho teórico-conceitual e qualitativo, principalmente com a utilização de análise textual e análise de conteúdo. Há pouca produção que resulte de pesquisa empírica quantitativa ou até mesmo de natureza qualitativa empregando técnicas como entrevistas, grupos focais, etnografia entre outros. Temas de pesquisa como a investigação de quais tipos de *fake news* têm prevalência no contexto brasileiro ficam relegadas a segundo plano ou são inexistentes. Há uma tendência ainda embrionária nas ciências sociais de pesquisas que busquem investigar as dinâmicas de produção e a rede de incentivos por trás dos produtores de *fake news*, indicando um novo horizonte possível para além do predomínio de investigação dos efeitos e combates das *fake news*. Ressalta-se ainda a necessidade de maior rigor e transparência metodológica nas produções analisadas.

Estes apontamentos são urgentes não só para a produção de resultados mais robustos, como também para a proposição de soluções mais eficazes e que deem conta da natureza coletiva do problema da desinformação para além dos ambientes das redes sociais. Além disso, pesquisas para além do eixo EUA-Europa são necessárias para a compreensão das especificidades de cada contexto. No caso brasileiro, o alto nível de desigualdade social e o nível mais baixo de penetração das tecnologias digitais não são contemplados por pesquisas que partam da realidade europeia. Diferenças sociais e culturais além dos sistemas eleitorais e partidários são aspectos que influenciam no fenômeno em cada local e que ainda precisam ser mais explorados.

8. REFERÊNCIAS

BIGO, Didier; ISIN, Engin; RUPPERT, Evelyn. **Data politics: Worlds, subjects, rights**. New York: Routledge, 2019.

BOVET, Alexandre; MAKSE, Hernán A. Influence of fake news in Twitter during the 2016 US presidential election. **Nature communications**, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41467-018-07761-2>

BRIGHT, Jonathan; HALE, Scott; GANESH, Bharath; BULOVSKY, Andrew; MARGETTS, Helen; HOWARD, Phil. Does Campaigning on Social Media Make a Difference? Evidence from candidate use of Twitter during the 2015 and 2017 UK Elections. **Communication Research**, v. 47, n. 7, p. 988-1009, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0093650219872394>

BRIGHT, Jonathan. Explaining the emergence of political fragmentation on social media: The role of ideology and extremism. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 23, n. 1, p. 17-33, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jcmc/zmx002>

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018

CATALINA-GARCIA, Beatriz; SOUSA, Jorge Pedro; SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Consumo de notícias y percepción de fake news entre estudiantes de Comunicación de Brasil, España y Portugal. *Revista de Comunicación, Piura*, v. 18, n. 2, p. 93-115, jul. 2019. Disponible en <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1684-09332019000200005&lng=es&nrm=iso>. accedido en 13 mayo 2021. <http://dx.doi.org/10.26441/rc18.2-2019-a5>.

DOAJ (Directory of Open Access Journals). About DOAJ. 2021a. Disponível em: <https://www.doaj.org/about/>. Acesso em 6/5/2021.

DOAJ (Directory of Open Access Journals). Myth-busting: all open access journals can be listed in DOAJ. 2021b. Disponível em: <https://blog.doaj.org/2019/09/17/myth-busting-all-open-access-journals-can-be-listed-in-doaj/> Acesso em 13/5/2021.

EGELHOFER, Jana L.; LECHERER, Sophie Lecheler. Fake news as a two-dimensional phenomenon: a framework and research agenda. **Annals of the International Communication Association**, v. 43, n. 2, p. 97-116, 2019

FLYNN, D. J.; NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. The nature and origins of misperceptions: Understanding false and unsupported beliefs about politics. **Political Psychology**, v. 38, p. 127-150, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pops.12394>

GREENHALG, Trisha. How to read a paper: papers that summarise other papers (systematic reviews and meta-analyses). Second edition. London: BMJ, 2001. Disponível em: <https://www.ebcp.com.br/simple/upfiles/livros/001HTRP.pdf>. Acesso em 12/5/2021.

HA, Louisa; ANDREU PEREZ, Loarre; RAY, Rik. Mapping Recent Development in Scholarship on Fake News and Misinformation, 2008 to 2017: Disciplinary Contribution, Topics, and Impact. **American Behavioral Scientist**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002764219869402>

LAZER, David MJ *et al.* The science of fake news. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.aao2998>

LÊU, Matheus O.; MORAIS, Daniel M.G.; XAVIER, Fernando; DIGIAMPIETRI, Luciano A. Detecção automática de bots em redes sociais: um estudo de caso no segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018. *Revista de Sistemas de Informação da FSMA*, n. 24 (2019) pp. 31-39.

MARICHAL, José. **Facebook democracy: The architecture of disclosure and the threat to public life**. New York: Routledge, 2012.

MARQUES, José. Folha é a maior fake news do Brasil, diz Bolsonaro a manifestantes. Folha de S. Paulo, edição de 21.10.2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml>

MESQUITA, Claudio Tinoco *et al.* Infodemia, Fake News and Medicine: Science and The Quest for Truth. *Int. J. Cardiovasc. Sci.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 203-205, May 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-56472020000300203&lng=en&nrm=iso>. access on 15 May 2021. Epub Apr 27, 2020. <http://dx.doi.org/10.36660/ijcs.20200073>.

MOLINA, Maria D. *et al.* “Fake news” is not simply false information: a concept explication and taxonomy of online content. *American behavioral scientist*, v. 65, n. 2, p. 180–212, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002764219878224>

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Moretto. O que são e como lidar com as notícias falsas. *SUR* 27, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/o-que-sao-e-como-lidar-com-as-noticias-falsas/>. Acesso em: 12.mai.2021.

PY, Fábio. Bolsonaro 's Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19. *International Journal of Latin American Religions*, v. 4, n. 2, p. 318-334, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00120-4>

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo M.; FARIA, Ádila. Revisão Sistemática de Literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, PUC-PR, 14 (41), 2014, pp. 17-36

SWIRE Swire, B., Berinsky, A. J., Lewandowsky, S., & Ecker, U. K. H. (Processing political misinformation: comprehending the Trump phenomenon. *Royal Society open science*, v. 4, n. 3, p. 160802, 2017. <https://doi.org/10.1098/rsos.160802>

RICARD, Julie; MEDEIROS, Juliano. Using misinformation as a political weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil. *Harvard Kennedy School Misinformation Review*, v. 1, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37016/mr-2020-013>

SAMPAIO, D. B.; OLIVEIRA, H. P. C. DE; OLEGÁRIO, M. DA L. Hipertrofia da informação sob a ótica dos conceitos de verdade e pós-verdade. *Informação em Pauta*, v. 4, n. especial 2, p. 9-30, 2 nov. 2019.

SILVA JÚNIOR, J. da; BARACUHY, R.; SILVA, F. V. da. Outlines of a lie’s discursive genealogy: the libelous’ relations in the XIX century in France along XXI century’s fake news in Brazil. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e382974331, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4331. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4331>. Acesso em: 15/05/2021.

TAYLOR, Dena; PROCTER, Margareth. Writing Support. University of Toronto. Disponível em: <https://advice.writing.utoronto.ca/types-of-writing/literature-review/> Acesso em 4/5/2021.

XIAO, Yu; WATSON, Maria. Guidance on conducting a systematic literature review. **Journal of Planning Education and Research**, v. 39, n. 1, p. 93-112, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0739456X17723971>

ZANATTA, Rafael *et al.* *Fake News: ambiência digital e novos modos de ser.* **IHU On-Line**, [s. l.], p. 56, 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/520>

Rogério Schlegel

Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), credenciado nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais (UNIFESP) e Gestão de Política Públicas (Universidade de São Paulo/USP). É pesquisador do CEM/Cebrap (Centro de Estudos da Metrópole/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), do Nupps/USP (Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da Universidade de São Paulo) e do Pimentalab (EFLCH/Unifesp). Edita a série Textos para Discussão CEM e colabora com periódicos nacionais (e.g. RBCS, Opinião Pública) e internacionais (e. g. Regional & Federal Studies, Brazilian Political Science Review).

E-mail: rschlegel@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1297-0819>

Amanda Freitas

Graduanda em Ciências Sociais na EFLCH UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Bolsista FAPESP em Ciência Política e Comunicação. Participante do grupo de pesquisa Pimentalab - Sociedade, Conhecimento e Tecnologia no Laboratório de Humanidades Digitais (Lab.hum) da EFLCH-UNIFESP. Tem interesse pelas áreas de estudos eleitorais, redes sociais, desinformação e *fake news*, *microtargeting* político, teoria da democracia e ciência política da internet. Realizou entre 2019 e 2020 pesquisa de iniciação científica com bolsa PIBIC-CNPq sobre o impacto das redes sociais e das novas tecnologias de informação e comunicação nas eleições brasileiras de 2018 e nas eleições norte-americanas de 2016. Atualmente desenvolve pesquisa de iniciação científica com bolsa FAPESP no mesmo projeto.

E-mail: freitas.com6@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2010-1485>